**EIXO TEMÁTICO:** Biotecnologia, Inovação e Saúde

**SABERES E FAZERES DOS DISCENTES DE FARMÁCIA DO ENSINO PRIVADO ACERCA DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE (PICS)**

**Andressa souza da SILVA1, Isadora Santos Feitosa SOARES 1, Ivanilde Miciele da Silva SANTOS 2, Kristiana Cerqueira Mousinho FONSECA 3**

**1 Graduandos do curso de Farmácia, Cesmac; 2 Professora do curso de de Farmácia, Cesmac; 3Professora do curso de Medicina, Biomedicina e Farmácia/Orientadora do Programa de Mestrado Pesquisa em Saúde, Cesmac.**

**andressa-siilva001@gmail.com; isa-fs@hotmail.com; isilvasantos@cesmac.edu.br**

**kristianamousinho@gmail.com**

**RESUMO**

As práticas integrativas e complementares em saúde são terapias alternativas reconhecidas pelo ministério da saúde, que podem ser usadas de forma isolada ou em conjunto com outros métodos convencionais. As implantações das disciplinas de PICS nas instituições de ensino superior podem elevar o entendimento sobre as mais variadas técnicas e conduta profissional quanto à possibilidade de terapias não farmacológicas. O estudo objetivou analisar os saberes e fazeres dos discentes de farmácia do ensino privado acerca das PICS. Estudo de campo, de caráter descritivo e transversal, abordagem quantitativa e amostra composta por 89 discentes de instituições de ensino privado de Alagoas. A pesquisa foi realizada de modo on-line por meio das redes sociais *Instagram* e *WhatsApp* dos pesquisadores, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário contendo questões objetivas, de única e múltipla escolha, e dividido em quatro (04) blocos. Maior parte dos participantes, 60 (67%), foram do sexo feminino, 73 (82%) afirmaram que há oferta de disciplinas ou módulos sobre as PICS. Dos participantes, 83 (93,26%) reconhecem a importância das PICS, entretanto, apenas 8 (7,87%) atuam com esses métodos, onde afirmaram ter seus conhecimentos buscados de forma extracurricular

**Palavras-chave:** Saúde. Estudantes. Terapias complementares e alternativas.

**INTRODUÇÃO**

O uso de terapias complementares em saúde vem mundialmente ganhando visibilidade e espaços sociais, sua forma de tratar diversos problemas de saúde de forma integral tem sido destaque entre diversos profissionais de saúde e acredita-se que estes métodos sejam futurísticos e que estão chegando para auxiliar a terapia convencional (CÁCERES, 2019).

Para os cidadãos europeus a medicina complementar alternativa tem sido amplamente utilizado, principalmente de forma isolada para tratar vários tipos de patologias que acometem a população europeia, embasados pelo projeto financiado pelos Estados Unidos da América. O CAMbrella, como foi nomeado o projeto norte americano, analisa a situação da Medicina Complementar Alternativa(MCA) e se esforça para harmonizar o crescimento existente dessas práticas a nível europeu (PEGADO, 2020).

O uso de MCA tem ganhado singularidade em países desenvolvidos, o aumento dessa demanda vem sendo perceptível devido ao gradual desenvolvimento de regulamentos que apoiam essas práticas e confere qualidade e segurança aos usuários dessas terapias, além de proporcionar qualificação ao profissional (PEREJA, 2019).

Os tipos de terapias alternativas oscilam muito de um país para outro, as formas mais comuns de terapias em alguns países como China, Coréia e Vietnã, são a acupuntura, fitoterapia, quiropraxia, exercícios físicos entre outras. Essas práticas não só se associam a medicina convencional como também são integradas aos sistemas de saúde pública (RODRIGUES NETO; FARIA; FIGUEIREDO, 2009).

Analisando a situação dos sistemas de saúde tornou-se necessário a implementação de serviços que subsidiem os profissionais, levando em conta a capacitação de recursos humanos, capacidade instalada e qualidade dos serviços. Foi nesse sentido, que em 2006 foi aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da portaria ministerial GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006 (BRASIL, 2018).

A portaria nº 849 de 27 de março de 2017, estimulada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e avaliando a necessidade de cuidados em saúde, complementou as abordagens terapêuticas dentro dos sistemas de saúde brasileira, inserindo na PNPIC as seguintes práticas

Art. 1º [...] Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga [...] (BRASIL, 2017, não paginado).

Atualmente o Ministério da saúde reconhece 29 Práticas Integrativas e Complementares oferecidas, de forma integral e gratuita, por meio do Sistema Único de Saúde - SUS (BRASIL, 2018). De acordo com as Resoluções do CFF nº 572/2013, nº 611/2015 e nº 685/2020, as práticas integrativas e complementares em saúde que o farmacêutico pode atuar são: antroposofia; homeopatia; medicina tradicional chinesa-acupuntura; plantas medicinais e fitoterapia, termalismo social/crenoterapia, Floralterapia e Ozonioterapia (CFF, 2013a; CFF, 2015; CFF, 2020).

Os profissionais que possuem grande interesse em aprender e atuar são da área da saúde. Lamentavelmente, a formação nas PICS durante a graduação é muito superficial, conhecimentos limitados e distantes dos cursos de graduação dos profissionais da saúde, onde essas formações e conhecimentos são insuficientes vistos a complexidade do ser (HABIMORAD *et al*., 2020). No Brasil existe uma carência no ensino de práticas voltadas para a medicina complementar, porém, é necessário que as instituições de níveis superiores incentivem essa abordagem terapêutica nos currículos dos cursos ofertados na área de saúde (DAMASCENO *et al*., 2016).

Percebe-se uma grande mobilidade para inserção das PICS na graduação dos cursos de saúde, como as publicações de diretrizes para o direcionamento da implantação. Sendo um meio de consolidação da política no SUS, a capacitação profissional, divulgação das Práticas Integrativas e Complementares entre a população, universidades, além da inserção de disciplinas e pesquisa na graduação e pós-graduação, são estratégias de disseminação das PICS entre a sociedade (BRASIL, 2015).

No contexto da formação do farmacêutico a implantação da disciplina de PICS aos alunos de graduação de Farmácia pode proporcionar entendimento maior sobre as mais variadas práticas e despertar o interesse na atuação profissional com o olhar integral em saúde, diminuindo o consumo e indicação de medicamentos e fortalecendo os benefícios das terapias não farmacológicas. Para que isso aconteça torna-se necessário a incorporação das PICS na matriz curricular do farmacêutico tanto no contexto do ensino, pesquisa como na extensão universitária (SOUSA; TESSER, 2020).

De acordo com a Resolução nº 586/2013 que regulamenta a prescrição farmacêutica, atribui-se ao profissional farmacêutico o ato de prescrever terapias farmacológicas que não exijam prescrição médica e não farmacológicas e outras intervenções que visem a promoção, proteção e recuperação da saúde do paciente.

Art. 5º - O farmacêutico poderá realizar a prescrição de medicamentos e outros produtos com finalidade terapêutica, cuja dispensação não exija prescrição médica, incluindo medicamentos industrializados e preparações magistrais - alopáticos ou dinamizados -, plantas medicinais, drogas vegetais e outras categorias ou relações de medicamentos que venham a ser aprovadas pelo órgão sanitário federal para prescrição do farmacêutico.

[...]

§2º O ato da prescrição de medicamentos dinamizados e de terapias relacionadas às práticas integrativas e complementares, deverá estar fundamentado em conhecimentos e habilidades relacionados a estas práticas (CFF, 2013b, p.3).

O aumento da popularidade das PICS evidencia a necessidade de preparação e qualificação dos profissionais para esse campo de atuação, para isso, a inserção das PICS na matriz curricular dos cursos da área da saúde contribuirá não só para formação, mas também para valorização de um profissional completo, com olhar voltado ao cuidado integral. Portanto, se faz relevante conhecer as práticas e o conhecimento dos estudantes de Farmácia sobre o universo das PICS.

Nesse contexto torna-se relevanteidentificar os saberes e fazeres dos discentes de farmácia do ensino privado acerca das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde visto a importância deste modelo de terapia na formação do profissional farmacêutico.

Diante da problemática apresentada faz-se a seguinte pergunta de pesquisa: quais os saberes e fazeres dos discentes de farmácia do ensino privado sobre as PICS durante a graduação?

**MATERIAIS E MÉTODO**

O presente estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa (CEP) do Centro Universitário Cesmac, em 9 de setembro de 2020, sob o parecer nº 4.266.971 (**ANEXO A**).

Trata-se de um estudo de campo, de caráter descritivo e transversal, com abordagem quantitativa e a amostra composta por 89 discentes de instituições de ensino privado (IES) de Alagoas. A pesquisa foi realizada de modo on-line por meio das redes sociais *Instagram* e *WhatsApp* e *e-mail* dos pesquisadores, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário contendo questões objetivas, de única e múltipla escolha, e dividido em quatro (04) blocos.

O recrutamento foi realizado de modo *on-line* pelas redes sociais *Instagram* e *WhatsApp.* A aquisição do TCLE foi realizada por meio da plataforma *Google Forms.* O TCLE foi a primeira parte visualizada pelo participante ao abrir o *link* enviado para o acesso ao questionário. O participante pôde ler o TCLE, retirar dúvidas por meio de um telefone e *e-mail* disponibilizados no cabeçalho que antecedia o TCLE, e concordar ou não participar. Foi solicitado que o participante registrasse um e-mail para que pudesse receber uma cópia do TCLE e questionário.

Foram incluídos discentes de ambos os sexos e matriculados do 1º ao 10º período do curso de Farmácia em IES privadas de Alagoas. Foram excluídos os discentes que marcaram a opção “Não Aceita” no TCLE.

O questionário (**APÊNDICE A**) foi inserido na plataforma *Google Forms* e o *link* para acesso e preenchimento enviado por *WhatsApp*, nesse último, por meio de grupos ou privados, e divulgado via rede social *Instagram* dos pesquisadores. O participante só teve acesso ao questionário se tivesse clicado na opção “Aceita”, inserido após a leitura do TCLE.

O questionário foi composto por questões objetivas, de única e múltipla escolha, contendo perguntas como: o que você entende por PICS? Conhece alguma PICS? Já fez tratamento com as PICS? Quais PICS são ofertadas no curso de graduação? Trabalha com as PICS? Encontra dificuldade de estudar às PICS no curso de graduação? Sente-se confiante em praticar as PICS? Entre outras. Foi dividido em 4 blocos: bloco 1 - perfil sociodemográfico, bloco 2 – Diagnóstico Situacional, bloco 3 – Conhecimento sobre as PICS, Bloco 4- Atuação nas PICS, onde os participantes que não atuem com as PICS responderão apenas o bloco 1,2 e 3, enquanto os que realizam as PICS apenas o bloco 1,2 e 4.

 Após a coleta, os dados obtidos foram armazenados em arquivos eletrônicos, sob-responsabilidade dos pesquisadores e analisados por estatística descritiva. Os resultados foram tabulados em planilha eletrônica (Microsoft Excel 2019®️) e as frequências das variáveis foram calculadas e dispostas em gráficos e tabelas.

 Analisando o perfil dos participantes, observou-se que grande parte dos discentes é do sexo feminino 60 (67%), logo o sexo masculino obteve 29 (33%), e maior parte dos participantes, 53 (60%), estão entre a faixa etária de 23 a 27 anos de idade.

**Figura 1.** Gênero e faixa etária dos discentes de farmácia.



Fonte: Autores (2020).

 A participação de mulheres no curso de farmácia historicamente sempre foi maior em relação ao sexo masculino, assim como foi visto nos resultados desse estudo. Outro estudo realizado no período de 2010 a 2015 nos cursos superiores de farmácia relatou que no período havia 72.149 mulheres inscritas e os homens somavam cerca de 29.820, apesar do aumento do número de vagas houve uma retração da porcentagem de homens matriculados nesses cursos, a situação é semelhante no período de conclusão da graduação (CARVALHO; LEITE, 2016).

 Esse comportamento observado vem destacando a realidade da mulher moderna em busca de sua realização profissional, o cuidado e dedicação com o paciente e a vontade de crescimento no mercado de trabalho brasileiro. Um estudo realizado pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), aponta que os homens ainda levam vantagem profissionalmente mesmo sendo minoria na profissão (BRASIL, 2018).

**Figura 2.** Como são ofertadas as disciplinas sobre PICS e profissional que leciona.



Fonte: Autores (2020).

Quando questionados sobre a forma de oferta destas disciplinas 64 (72%) indicaram que estão inseridas de forma obrigatória, da mesma forma apontam em maior percentual que o farmacêutico é o responsável por conduzir este tipo de ensino, conforme visto na **figura 2.**

A implantação da disciplina de PICS na graduação em Farmácia pode proporcionar entendimento sobre as mais variadas práticas e a conduta do profissional farmacêutico quanto a possibilidade de terapias não farmacológicas (CONTIJO; NUNES, 2017). Entretanto, o processo de inserção dessas disciplinas dentro dos cursos de graduação vem ocorrendo de forma heterogênea e lenta, visto que para lecionar áreas diversas das PICS os docentes precisam ter formação qualificada para as especialidades ministradas. Em algumas instituições a implantação foi realizada, porém sem permanência nos cursos (DAMASCENO *et al*., 2016).

O processo de amadurecimento quanto a visão integral do paciente é algo que as PICS mostram de forma clara e objetiva e, nesse contexto, a fase de preparação dos profissionais deveria acontecer durante o processo acadêmico. Assim, seriam preparados para saber lidar com as atitudes a serem tomadas mediante o processo de saúde-doença, da melhor forma, com maior responsabilidade e postura diante do seu paciente (BRASIL, 2006).

A figura **3** caracteriza as dificuldades encontradas pelos estudantes em relação à escassez dessas metodologias de ensino, destes, 36 (40%) assinalaram a opção não se aplica, isto é, quando o participante não se identifica com as questões citadas no questionário, 05 (6%) preferiram não responder, outros 20 (22%) relataram falta de estímulo pela faculdade e 02 (2%) reconheceram a falta de estímulo dos professores e também dificuldades com a infraestrutura da IES.

**Figura 3.** Opinião dos alunos sobre a falta de oferta das PICS na graduação.



Fonte: Autores (2020).

 Acredita-se que há necessidade da mudança do modelo padrão vivenciado por todos profissionais que integram na área da saúde, de forma a influenciar esses especialistas a obter uma visão mais ampliada do ser humano e do cuidado (GOMES *et al*., 2017).

 Devido às dificuldades encontradas para inserção dessas disciplinas nas matrizes curriculares das IES, os discentes têm apenas uma formação tradicional que minimizam o progresso do modelo biopsicossocial, ou seja, aquele que enxerga o ser humano como um todo e não apenas como indivíduo que necessita do cuidado em saúde de modo convencional (EGLEM, 2014).

**Figura 4.** PICS conhecidas por discentes de IES privado**.**

 

Fonte: Autores (2020).

 O conhecimento específico teve a participação de 81 discentes devida os estudantes atuantes nas PICS não participarem deste bloco, ficando os seus níveis de conhecimentos na etapa posterior destinada aos que exercem essas práticas. Em maior destaque para o conhecimento nas PICS como mostra a **figura 4** foi acupuntura 22%, terapia floral, homeopatia ambas com 10% e fitoterapia 28%, as duas primeiras pelo fato de estarem sendo bastante procuradas pela população e nos cursos de formação.

 Em relação a fitoterapia, facilmente conhecida pela progressão da abordagem durante o curso de graduação em farmácia, devido a sua essência ser mantida através da cultura popular (SCLIAR, 2017). Todos os países foram incentivados a considerar o saber popular referentes à utilização de plantas medicinais para realização de estudos científicos. A Fitoterapia, sendo o estudo das plantas medicinais caracterizado pela utilização de plantas com propriedades terapêuticas em suas variadas formas de obtenção, estabelece seus saberes e prática pela tradição oral (BERNARDES *et al*., 2015).

**Figura 5.** Opinião sobre o que as PICS tratam.



Fonte: Autores (2020).

 Para os antigos sistemas médicos, oriundos das tradições da China, a saúde é uma questão de equilíbrio e harmonia, tratando o ser como um todo. As PICS são utilizadas considerando o indivíduo na sua integralidade, buscando a saúde através do equilíbrio do corpo, mente e espírito, esse modelo de terapia trata o ser humano em todos os níveis: físico, mental, emocional e espiritual (DACAL; SILVA, 2018).

|  |
| --- |
|  **Tabela** **1**: Atuação e tempo de atividade com as PICS. |
| Atuação profissional | N |
| Sim | 8 |
| Não | 81 |
| Total | 89 |
| Tempo de atividade com as PICS |  |
| < 1 ano | 2 |
| 1 a 3 anos | 5 |
| Não deseja responder | 1 |
| Total | 8 |
| Fonte: Autores (2020) |  |

 Dos 89 participantes do presente estudo houve participação de 08 (8,9%) discentes atuantes nas PICS. Verificou-se na **tabela 1** que 81 (91%) dos alunos não atuam com as PICS. Aos que praticam quando questionados o tempo de atuação, constatou-se que 05 (62,5%) atuam entre 1 a 3 anos, como ilustrado na **tabela 1**.

 Lamentavelmente, a formação nas PICS ainda é muito distante dos cursos de graduação da saúde, onde as formações e conhecimentos em geral são limitados. No Brasil existe uma carência no ensino de práticas voltadas para terapias complementares, porém, é necessário que as instituições de níveis superiores evidenciem essa abordagem terapêutica nos currículos dos cursos ofertados na área de saúde (ESTÁCIO *et al*., 2015).

**Figura 5.** Local de formação.

 

**Fonte:** Autores (2020).

Sobre o local de formação, 07 (87,5%) responderam que obtiveram certificado em empresa de cursos e 01 (12,5%) em faculdade/universidade que disponibilizavam alguma prática integrativa e complementar **(Figura 6)**.

Conhecendo esses dados, é evidente que o profissional em formação possui relevante vontade em instruir-se mais sobre o tema e, mesmo diante das dificuldades encontradas, a grande maioria busca a formação de forma complementar a formação profissional e diversas vezes obtém esse conhecimento de forma suplementar.

 Em um estudo realizado os pesquisadores analisaram a situação do ensino das PICS em instituições de ensino superior e verificaram que os graduandos concluíam seus estudos sem ter aproximação com estes temas (SALLES *et al*., 2014).

**CONCLUSÕES**

Com a observação dos dados analisados percebe-se que ainda existem grandes dificuldades para implantação das PICS nas instituições de ensino superior (IES) privadas no Brasil. Ainda que o presente estudo revele um percentual de 82% na oferta dessas disciplinas na graduação dos participantes, muitas vezes direcionam os estudantes para um conhecimento supérfluo e centrado em temas mais conhecidos e trabalhado ao longo doa anos na formação do farmacêutico. As temáticas abordadas geralmente são voltadas apenas para os cuidados conservadores, instigando o estudante a buscar conhecimento externo a graduação.

 É evidente a objeção das faculdades quando confrontadas para incorporação dessas terapias nas matrizes curriculares dos cursos de saúde, visto que para tal se faz necessário a qualificação profissional e melhorias na infraestrutura. Apesar do esforço dos profissionais que atuam nessa linha de cuidado para o reconhecimento e divulgação em nosso país, a utilização das PICS é limitada, uma vez que grandes partes dos discentes em formação as desconhecem, embora reconheçam a importância do tema na vida profissional.

 Considerando o aumento da população brasileira na busca por especialistas que atuem nessas linhas de cuidado e o estímulo pelo ministério da saúde para adesão as PICS, torna-se evidente o grau de importância desses métodos no currículo e formação de um profissional da saúde com o olhar voltado ao cuidado integral.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERNARDES, A. C. M.M et al. **Capacitação em fitoterápicos,** Campinas, p. 4-31, set. 2015. Disponível em: https://dokumen.tips/documents/capacitacao-em-fitoterapicos.html. Acesso em: 05 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas E Complementares No SUS: Atitude De Ampliação De Acesso/ Ministério da Saúde**. Departamento de Atenção Básica. 1 ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\_nacional\_praticas\_integrativas\_complementares\_2ed.pdf. Acesso em: 18 out. 2020*.*

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS:** atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\_praticas\_integrativas\_complementares\_sus\_2ed\_1\_reimp.pdf. Acesso em: 01 out. 2020.

CÁCERES, A. *Integrative Medicine: A Health Paradigm of the Future.* ***International Journal of Phytocosmetics and Natural Ingredients****,* Guatemala, v. 6, n. 6, p. 01-09, 2019. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/7009/b89472144d1c142b5b00e3981c7e270fa00e.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

CARVALHO, M.N.; LEITE, S.N. Mercado de trabalho farmacêutico no Brasil: 2010 a 2015. **Escola nacional dos farmacêuticos**, São Paulo, 2016. Disponível em: http://escoladosfarmaceuticos.org.br/pdf/livreto-mercado-WEB.pdf. Acesso em: 02 dez. 2020

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA-CFF (Brasil). Resolução CFF nº 572 de 25 de Abril de 2013a. Ementa: Dispõe sobre a regulamentação das especialidades farmacêuticas, por linhas de atuação. **Diário oficial da união**, Brasília, DF: Conselho Federal de Farmácia, 25 abr. 2013. Seção 1, p. 3. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/572.pdf. Acesso em: 06 out. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA-CFF (Brasil). Resolução CFF nº 586 de 29 de Agosto de 2013b. Ementa: Regula a prescrição farmacêutica e dá outras providências. **Diário oficial da união**, Brasília, DF: Conselho Federal de Farmácia, 29 set. 2013. Seção 1, p.136. Disponível em:< https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/586.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA-CFF (Brasil). Resolução CFF nº 611, de 29 de maio de 2015. Ementa: Dispõe sobre as atribuições clínicas do farmacêutico no âmbito da floralterapia, e dá outras providências. **Diário oficial da união**, Brasília, DF: Conselho Federal de Farmácia, 09 jun. 2015. Seção 1, p. 54. Disponível em: <https://cff-br.implanta.net.br/portaltransparencia/#publico/Listas?id=704808bb-41da-4658-97d9-c0978c6334dc>. Acesso em: 17 out. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA-CFF (Brasil). Resolução CFF nº 685, de 30 de janeiro de 2020. Ementa: Regulamenta a atribuição do farmacêutico na prática da ozonioterapia. **Diário oficial da união**, Brasília, DF: Conselho Federal de Farmácia, 17 maio. 2020. Seção 1, p. 267. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-685-de-30-de-janeiro-de-2020-255613547>. Acesso em: 17 out. 2020.

CONTIJO, M. B. A.; NUNES, M. F*. Integrative and complementary practices: knowledge and professional credibility of the public health service*. **Trab. Educ. Saúde,** Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, p. 301-320, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tes/v15n1/1678-1007-tes-1981-7746-sol00040.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

DACAL, M. P. O.; SILVA, I. S. Impacto das práticas integrativas e complementares na saúde de pacientes crônicos. **Revista Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 118, p. 724-735, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42n118/0103-1104-sdeb-42-118-0724.pdf. Acesso em: 04 dez. 2020.

DAMASCENO, C.M.D. *et al*. Avaliação do conhecimento de estudantes universitários sobre medicina alternativa**. Revista Baiana de Saúde Pública,** Petrolina-PE, v. 40, n. 2, p. 1-10, 2016. Disponível em: http://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/1989. Acesso em: 02 dez. 2020.

EGLEM, E. **Medicinas alternativas em Paris e no Rio de Janeiro**: um estudo sobre as experiências transformadoras de saúde, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-14. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci\_arttext&pid=S0104-12902014000200404. Acesso em: 04 out. 2020.

ESTÁCIO, M. M. S. *et al*. formação técnica em práticas integrativas e complementares em saúde na escola de saúde da UFRN. **Revista brasileira da educação profissional em tecnologia,** Rio Grande do Norte, v. 1 n. 8, p. 34-42, dez. 2015. Disponível em: http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index. php/RBEPT/article/view/3344. Acesso em: 07 nov. 2020.

GOMES, D.R.G.M. *et al*. A inclusão das terapias integrativas e complementares na formação dos acadêmicos da saúde. **SANARE**, Sobral-CE,v. 8, n.01, p.1-8, 2017. Disponível em: https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1142. Acesso em: 01 dez. 2020.

PEGADO, E. **Medicinas Complementares e Alternativas**: Uma reflexão sobre definições, designações e demarcações sociais, Lisboa, n. 93, p. 1-18, 2020. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?Script=sci\_arttext&pid=S0873-65292020000200004. Acesso em: 03 out. 2020.

PEREJA, E.H.L. *el debate político sobre las terapias alternativas y complementarias en españa en la interfaz entre ciencia, política y sociedad (1979-2018).* ***Perspectivas de la Comunicación****,* Madrid, v. 12, n. 2, p. 1-39, 2019. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0718-48672019000200155&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 09 out. 2020.

RODRIGUES NETO, J.F.; FARIA A.A.; FIGUEIREDO, M.F.S. Medicina complementar e alternativa: utilização pela comunidade de montes claros, minas gerais, Minas Gerais. **Revista de associação médica**, v.55, n.3, p.1-6. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302009000300022&script=sci\_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 out. 2020.

SALLES, L; HOMO, R.; SILVA, M.J. **Situação do ensino das práticas integrativas e complementares nos cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e medicina**, São Paulo, p. 741-745, out./dez. 2014. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/35140 01 nov. 2020.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Revista saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.1 p. 29-39, mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

SOUSA, I.M.C.; TESSER, C.D. Medicina Tradicional e Complementar no Brasil: inserção no Sistema Único de Saúde e integração com a atenção primária. **Caderno de Saúde Pública,** Recife-PE, vol.33, n.1, p. 1-15, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2017000105006&script=sci\_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 out. 2020.

.